

frente&verso

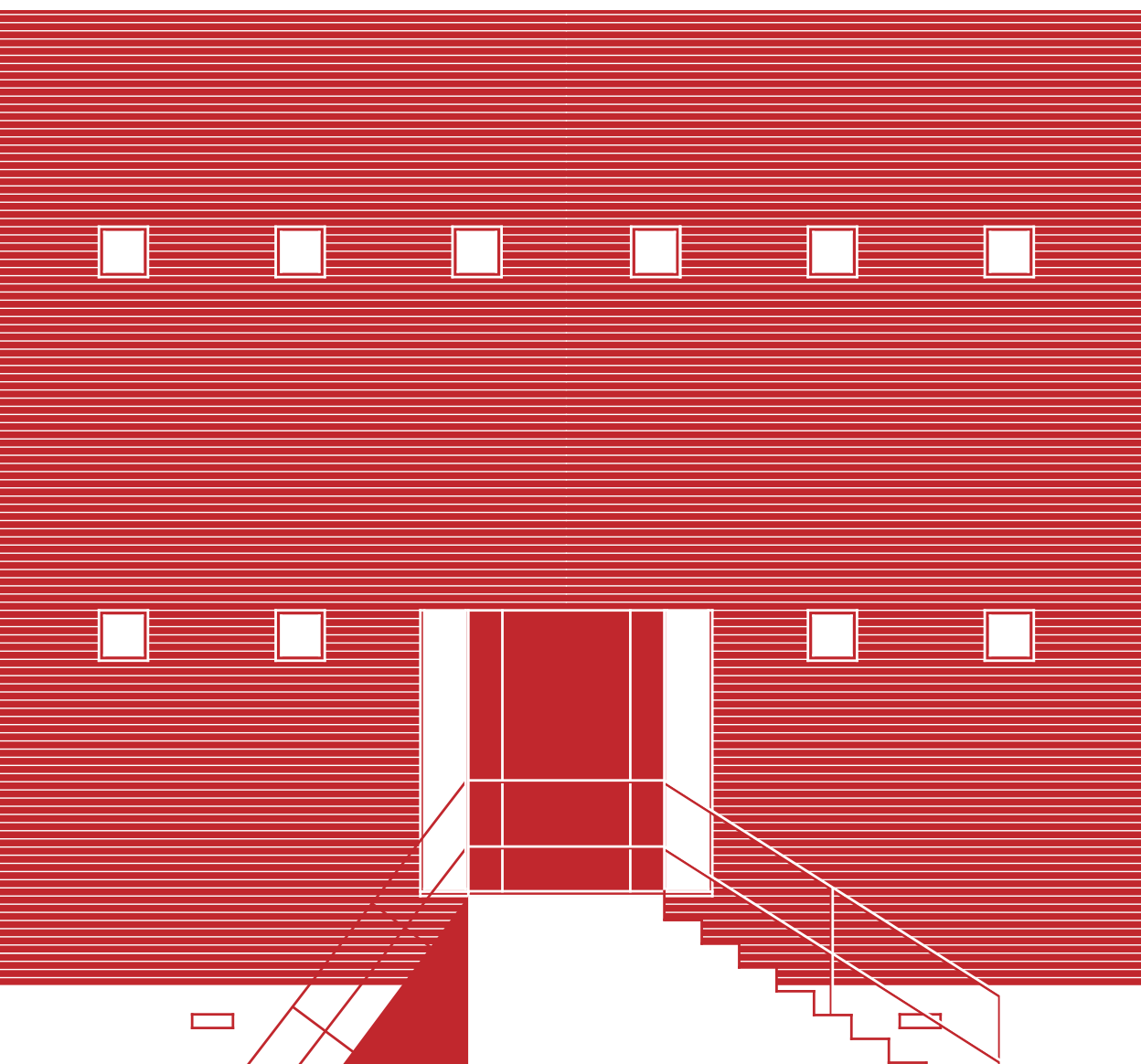
documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

habitação social
Lugar do Outeiro
João Álvaro Rocha

22

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes **Habitar um lugar geométrico**

Disse-nos João Álvaro Rocha que o resultado, em arquitetura, não lhe interessa para nada. O que lhe interessa é o processo como se chega a uma solução, como se realiza todo o complexo jogo de estabelecimento de relações, hierarquias, necessidades e objetivos que levam o arquiteto a desenhar e a propor um projeto que induz uma solução e, por força de razão, um edifício e uma arquitetura consequentes.

Para João Álvaro Rocha o projeto e a interpretação que se faz da encomenda e de todas as condicionantes pareciam ser já arquitetura. O projeto inicia-se sem desenho e paradoxalmente sem encomenda. Esta legitima um desejo de expressão que o arquiteto transporta e cabe ao arquiteto saber interpretar os sinais para reverter todo um conjunto de necessidades em programa e em organismos de pensamento, onde o subjetivo dê lugar à razão, onde a emoção dê primazia à sempre necessária e consequente justificação.

É no projeto que se inscreve toda a sua visão de arquitetura. O edifício, a construção decorrente, apenas é um resultado organizado do que outrora foram pensamentos, modelos, maquetas, esboços e testes em complexos processos de aproximação e de simulação do real, onde o domínio da matéria e das suas possibilidades de associação e de expressão deverão estar já devidamente e profundamente explorados e legitimados.

Projetar não é construir. Mas não pode existir construção de uma obra de arquitetura sem o competente projeto que se quer longo, confrontado e massacrado por inúmeros debates e avaliações, onde o arquiteto se move como um maestro disciplinador e organizador dos fluxos de informação que o projeto

em arquitetura encerra.

É através do projeto que se definem as qualidades, os conceitos e os valores que o arquiteto trabalha, de modo a dar resposta não só às circunstâncias, à encomenda, ao orçamento, ao lugar, mas também à experiência e à vontade de traduzir intenção em matéria, em construir um léxico, padronizando modos de construir e de conceber os espaços e os edifícios, como se de um jogo se tratasse.

Para João Álvaro Rocha as regras são claras: a ar-

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; (...) a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do género humano. E por isso não perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti."

*John Donne, in Meditation XVII
Poeta inglês (1572 – 1631)*

quitetura parece nascer da arquitetura e para pouco interessa a espuma dos dias que a promovem de múltiplas formas e maneiras. Para isso soube dizer "não" e construir-se de outro modo, alinhado com corrente, com métodos de desenho, com escolas, com autores e com materiais que de um modo particular soube levar a um limite de coerência e, por vezes, de quase "perfeição". Daí a importância do detalhe, do pormenor e do rigor que coloca em todos os seus projetos. Durante o seu curto período de vida, conseguiu conquistar um lugar de referência na história recente da arquitetura portuguesa, o que constitui,



por essa via, um lugar de destaque e de visita incontornável: um permanente caso de estudo quando abordamos exemplos da coerência entre qualidade de projeto, qualidade de construção e qualidade de arquitetura resultante. Afinal, não está a arquitetura presente apenas no olhar do arquiteto?

Por tudo isto, João Álvaro Rocha será sempre o nosso caso de estudo. Este edifício de habitação que projetou entre 1996-99 apresenta muitas possibilidades de aprofundamento e de análise. Ou seja de ensino e de aprendizagem e, por esse motivo, será abordado de diferentes formas. É um mistério arquitetónico e construtivo, com muitas histórias por revelar.

da obra **João Álvaro Rocha** **Construir mais que o edifício**

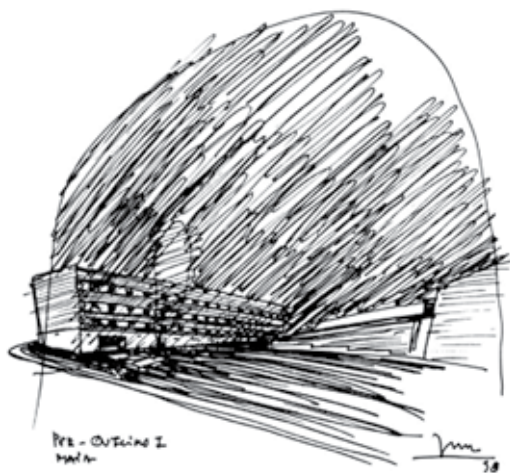
“(…) A Arquitectura é a vontade de uma época concebida em termos espaciais.

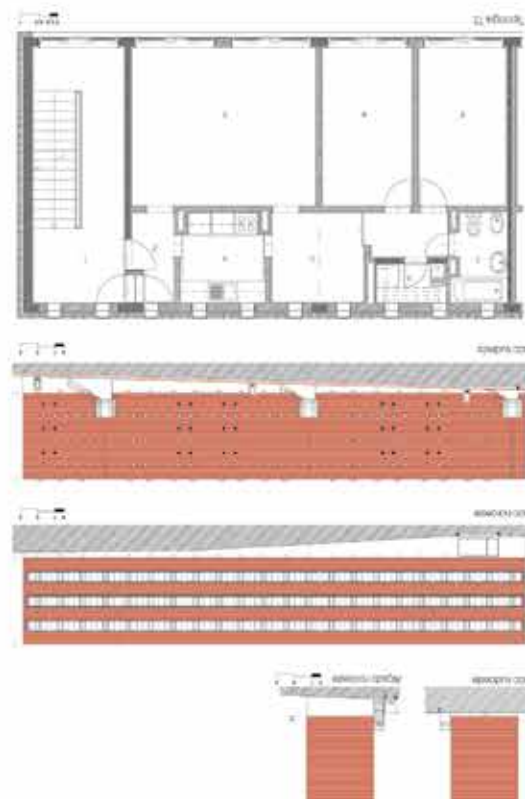
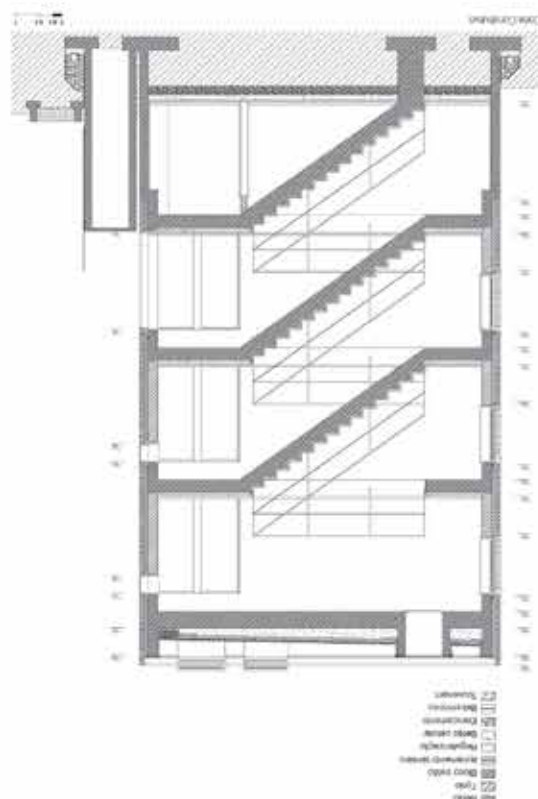
Nem o passado, nem o futuro, só o dia de hoje se pode fixar. Só assim a arquitectura se pode realizar. Criar a forma com a essência do problema e os meios de nossa época, essa é a nossa tarefa”.

O terreno onde se implanta este conjunto habitacional situa-se no interior de um loteamento de baixa densidade localizado numa área próxima do centro da cidade. Esta condição de interioridade confirma a insipiência de uma malha urbana que manifesta evidentes dificuldades de articulação, onde é inequívoca a ausência de qualquer estratégia de desenho urbano. Tal situação define bem a complexidade que o projeto tem que enfrentar e tentar resolver já que a “localização” e a imagem do edifício só podem, neste caso, resultar do compromisso que é necessário estabelecer entre a escala que se propõe e a escala que caracteriza a envolvente próxima, sem prejuízo dos espaços de uso coletivo que necessariamente deverá ter a capacidade de gerar.

O edifício implanta-se no lado oposto à entrada no interior do loteamento de modo a diretamente se relacionar com o edifício da Central Telefónica aí existente, contribuindo assim para a “regularização” dos limites interiores do terreno. A adoção do mesmo material (tijolo face à vista) utilizado nesse edifício não representa mais do que um esforço de aproximação, enquanto expressão dessa vontade de “regularização” e também como forma de com ele estabelecer uma identidade.

A austeridade, a economia de meios e o rigor que caracterizam o desenho do conjunto concretiza-se numa imagem unitária e coesa enquanto reforço dessa mesma identidade.





Portofolista, João Álvaro Rocha está sempre a nosso lado de estúdio. Este escritório de habitação que projectou entre 1996-99 apresenta muitas possibilidades de aproveitamento e de análise. O espaço é amplo e de aprendizagem e, por esse motivo, está aberto de diferentes formas. É um edifício arquitetónico e construído, com muitas histórias por revelar.

da obra José Álvaro Rache
Construir mais que o edifício

¹⁰ (...) A Argulestara é a vontade de uma época com o patife dos seus princípios.

Nem o passado, nem o futuro, só o dia de hoje se pode fazer. Só assim a arquitetura se pode realizar. Cavar a terra com a consciência do problema e os recursos do nosso tempo, essa é a nossa tarefa".

O terreno onde se implanta este conjunto habitacional está situado no interior de um loteamento de baixa densidade instalado numa área próxima do centro da cidade. Esta condição de proximidade confere à população de uma malha urbana que mantenha evitadas as dificuldades de articulação, onde e quando a existência de qualquer estratégia de desenvolvimento urbano, tal situação dentro torna a complexidade que o projeto tem que enfrentar e tentar resolver, já que a "localização" e a imagem do edifício só podem, neste caso, resultar do compromisso que é necessário estabelecer entre a escala que se propõe e a escala que caracteriza e envolve o projeto, sem prejuízo das espécies de uso double que necessariamente deverá ter a possibilidade de gerar.

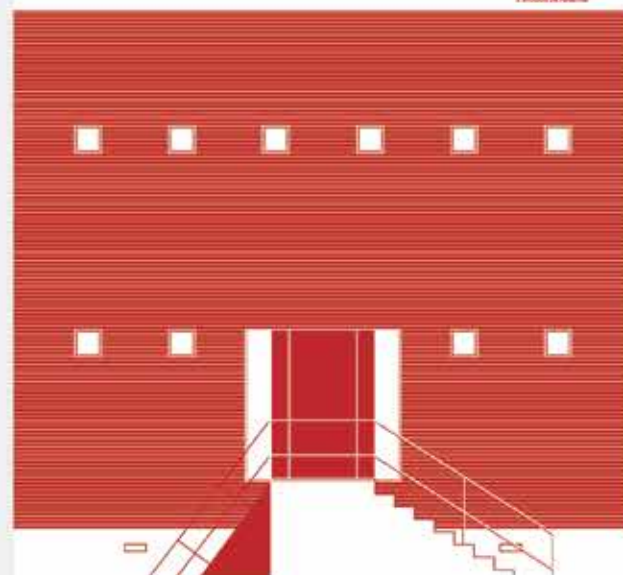
O edifício implantado no local ocupa a estrutura mais antiga do conjunto, de modo a preservar o seu valor histórico e o edifício do Centro Telefónico já existente, contribuindo assim para a "regeneração" dos antigos interiores do bairro. A adoção do mesmo material tijolo boato que utilizava nesses edifícios representa mais do que um selo de aprovação arquitectónica, expressão desta vontade de "regeneração" e também como forma de com o seu reaproveitamento uma identidade.

arquitetura
e modos de
construir[illegible]

documentos periódicos de construção

frente&verso

habitação social
Lugar do Outeiro
João Álvaro Rocha



editorial Carlos Hume Lacerda Lopes
Habitar um lugar geométrico

Diferenciado João Álvaro Rocha que o resultado, em arquitetura, não é imediato e nem certo. O que ele entende é o processo com o se chega a uma adaptação: como se ensaia todo o complexo jogo de estabelecimento de relações, "tentativas, negociações e conflitos que levem o arquiteto a desenvolver e a propor um projeto que crie uma adaptação e, por força de estilo, um edifício e uma arquitetura coherentes".

Para João Mano Rêgo o projeto é a interpretação que se faz da encenação e de todos os conteúdos narrativos presentes no espetáculo. O projeto não se trata, portanto, de predefinidamente, sem encenação. Esta legitima um direito de expressão que o arquiteto tem e pode ao arquiteto saber interpretar as ideias para revelar todo um conjunto de necessidades em programa e em parâmetros de pensamento, onde o subjetivo do lugar é nítido, onde a imagem está por trás da sempre necessária e consequente justificativa.

É no projeto que se recebe toda a sua vida de arquitetura. O edifício, a construção decorrente, apenas é um resultado organizado do que outros foram pensando, criando, modelando, maquiando, esculpindo e lavando em complexos processos de planejamento e de simulação, do real, em um domínio da realidade e das suas possibilidades de associação e de empreendimento sobre este, já devidamente e postuladamente esculpido e legitimado.

Penetra no cotidiano. Mas não pode nem se constitui de uma única de arquitetura, mas o complexo projeto que se quer, hoje, confortável e massificado por qualquer debate e avaliação, sendo o arquiteto sempre como um mero disciplinar e organizador dos fluxos de informação que o projeto

É assim de fato: o projeto que se define na qualidade, os conceitos e os valores que o arquiteto traz para o mundo e os aspectos não só do circunstancial, a encomenda, os argumentos, as regras, mas também a experiência e a vontade de trazer intenção em matéria, em conexão, um léxico, psicologicamente construído e de construir os espaços e os edifícios, como se de um tipo de trabalho.

Bitte lesen Sie diesen Brief mit großer Aufmerksamkeit und achten Sie auf die folgenden Punkte:

Nenhum homem é uma ilha isolada; cada homem é uma partícula do continente, uma parte da terra; [...] a morte de qualquer homem diminui-me, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntes por quem os sinos dobram; eles dobram por ti."

John Donne in *Marvellian* Style

quibus percoo rator da arquitetura e para pouco interesse a respeito dos dias que a promovem de múltiplas formas e maneiras. Para isso soube disse "falar" e compreender os outros modos, alinhar os comovier, com intencões de desvenda, com interesse, com autores e com materiais que de um modo particular soube levar a um limite da construção e, por vezes, de quase "perseguição". Da simplicidade do dialeto, do pomposo e do rigor que coloca em todos os seus projetos. Durante o seu longo período de vida conseguiu conquistar um lugar de referência na história recente da arquitetura portuguesa, e que constitui





- | | | |
|--------------------------|--------------------------|--------------------|
| 04 Tipo | 12 Borda lateral | 16 Dreno |
| 05 Rua sinistral | 13 Póssico | 20 Desumidificador |
| 06 Impermeabilização | 14 Típolo vertical | 21 Zimocimento |
| 07 Acabamento técnico | 15 Marmore | 22 Teto |
| 08 Argamassa hidrofugada | 16 Direção de escoamento | 23 Cabe de prático |
| 09 Calafateia em madeira | 17 Regeneração | 24 Cais de aterro |
| 10 Vórtice | 18 Contraponto | 25 Suelo |
| 11 Bordo | 19 Quilada metálica | |
| 12 Onda | 20 Decore | |

frente&verso



**arquitetura
e modos de
construir**